

Glauca Wesselovicz  
Janaina Cazini  
(Organizadoras)

# Diálogos sobre Inclusão



**Atena**  
Editora  
Ano 2019

**Glaucia Wesselovicz**  
**Janaina Cazini**  
(Organizadoras)

# **Diálogos sobre Inclusão**

**Atena Editora**  
**2019**

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D536	Diálogos sobre inclusão [recurso eletrônico] / Organizadoras Glauca Wesselovicz, Janaina Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Diálogos Sobre Inclusão; v. 1)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-362-0 DOI 10.22533/at.ed.620192805  1. Brasil – Condições sociais. 2. Desenvolvimento social. 3. Integração social. I. Wesselovicz, Glauca. II. Cazini, Janaina. III. Série.  CDD 361.2
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná - Brasil

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br

Atena  
Editora

Ano 2019

## APRESENTAÇÃO

A obra “Diálogos sobre Inclusão” foi concebida para cumprir a função de apresentar conteúdos essencialmente informativos e formativos sobre Inclusão Social e Profissional, direcionado àqueles que precisam compreender as bases – históricas, conceituais, organizacionais e legais dos Direitos Humanos. O volume I apresenta 26 capítulos que abordam os vetores da promoção humana como: Família, Sociedade e Tecnologias.

“Incluir socialmente é dar e garantir condições para que uma pessoa possa, de maneira livre e independente, ter o mesmo acesso que outras aos serviços e benefícios da vida em sociedade. Mas não basta pensar a inclusão social apenas sob a ótica das necessidades e simplesmente criar mecanismos ou facilidades compensatórias aos excluídos. É preciso ir além, mais que uma reforma, é preciso uma revolução no modo como enxergamos o excluído, que não deve ser objeto de pena ou dó e sim de respeito e consideração como ser humano e cidadão que é” (ALMEIDA, 2016)

A Declaração Universal dos Direitos humanos - marco histórico - inspirou as nações para o envolvimento em prol dos movimentos sociais de enfrentamento da discriminação e exclusão social de minorias, tornando-se referência para o desenvolvimento de Pactos e Convenções norteadoras da promoção humana no mundo.

Contudo, nós acreditamos, que esta coletânea irá inspirar e encorajar, Profissionais, Educadores e sociedade em geral a refletir sobre todas as possibilidades que o seu meio social, núcleo familiar e atitudes individuais podem minimizar as desigualdades e promover o desenvolvimento social igualitário.

Glaucia Wesselovicz  
Janaína Cazini

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL	
Ernny Coêlho Rêgo Marinina Gruska Benevides	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928051</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
ANALISANDO A PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO HETERONORMATIVA DA MASCULINIDADE	
Arthur Furtado Bogéa Iran de Maria Leitão Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928052</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
O DIREITO À DISCUSSÃO DE TEMÁTICAS PERTINENTES À ESFERA SOCIAL E À PRODUÇÃO DO TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: UM PROCESSO DE LETRAMENTO ESCOLAR E PRODUÇÃO TEXTUAL NA EJA	
Ferdiramar Farias Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928053</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
O SILÊNCIO: SUTIL LEGITIMIDADE DA VIOLÊNCIA SOBRE A EXISTÊNCIA LÉSBICA	
Mariluce Vieira Chaves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928054</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>44</b>
ALFABETIZAÇÃO E INCLUSÃO: O DIREITO DE APRENDER	
Osiolany da Silva Cavalcanti Gloria Maria de Sousa Leitão Melo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928055</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>52</b>
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM EM EJA: UM OLHAR SOBRE O QUE DIZEM OS SUJEITOS DA EJA NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE-PB	
Edivânia Paula Gomes de Freitas Leandra da Silva Santos Maria José Guerra Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928056</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
PROGRAMA DE ATENÇÃO E ORIENTAÇÃO AO ALUNO (PROATO): UM OLHAR HUMANIZADO AO ALUNO DO ENSINO SUPERIOR	
Analice Oliveira Fragoso Sheila Carla de Souza Rinaldo Molina	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928057</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
MULHERES QUE SE DESTACARAM NA HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Jane Cleide de Almeida Cordeiro	
Kátia Maria de Medeiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928058</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>88</b>
ACESSIBILIDADE ATRAVÉS DA ADAPTAÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS AOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA URCA	
Francisca Raquel Miguel de Sousa	
Francisca Nailene Soares Vieira	
Martha Milene Fontenelle Carvalho	
David Soares Vieira	
Rosane Santos Gueudeville	
Isac Vieira Leite	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6201928059</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>97</b>
APLICAÇÃO MÓVEL COLABORATIVA PARA DISSEMINAÇÃO DE SINAIS E INTEGRAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Erika Patrícia Martins Ferreira	
Crysthian Fhylype Ribeiro Marinho	
Eveline de Jesus Viana Sá	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280510</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>104</b>
A (RE) CONSTRUÇÃO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE LIBRAS/L1 NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Ana Letícia de Almeida Cordeiro	
Josinete Pessoa Nunes	
Niédja Maria Ferreira de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280511</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>115</b>
INCLUSÃO DIGITAL - INFORMÁTICA PARA A 3ª IDADE	
Bruna Cristina de Albuquerque Sebold	
Felipe Souza Davies	
Marcelo Nepomoceno Kapp	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280512</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>122</b>
JOGOS COOPERATIVOS DE INCLUSÃO BILÍNGUE: ESTRATÉGIAS DE ACESSIBILIDADE COMUNICACIONAL NA ESCOLA DE ENSINO REGULAR PARA ALUNOS COM SURDEZ	
Maria de Lourdes Leite Paiva	
Robéria Vieira Barreto Gomes	
Querem Hapuque Monteiro Alves Muniz	
Raquel Araújo Pompeu	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280513</b>	

**CAPÍTULO 14 ..... 133**

**NUSOEP: NÚMEROS, SÍMBOLOS, OPERAÇÕES E EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU. UM KIT EVOLUTIVO PARA DE MATEMÁTICA PARA DEFICIENTES VISUAIS**

Kíssia Carvalho  
Rodiney Marcelo Braga dos Santos  
Marcos Antônio Petrucci de Assis  
José Nunes Aquino  
Luciene do Carmo Santos

**DOI 10.22533/at.ed.62019280514**

**CAPÍTULO 15 ..... 144**

**O USO DE MATERIAIS PEDAGÓGICOS PARA O ENSINO DE ALUNOS SURDOS**

Bruna Ismaela Cunha Silva  
Thayse Lopes dos Santos  
Niédja Maria Ferreira Lima  
Conceição de Maria Costa Saúde

**DOI 10.22533/at.ed.62019280515**

**CAPÍTULO 16 ..... 152**

**PROJEÇÃO CILÍNDRICA ORTOGONAL: UMA APRENDIZAGEM EM UM AMBIENTE VIRTUAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA SURDOS**

Natana Souza da Rosa  
Vania R. Ulbricht

**DOI 10.22533/at.ed.62019280516**

**CAPÍTULO 17 ..... 168**

**QUEM GANHOU O JOGO? ANÁLISE DE UM LIVRO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO**

Andréa Paula Monteiro de Lima  
Dayse Bivar da Silva  
José Mawison Cândido de Lima

**DOI 10.22533/at.ed.62019280517**

**CAPÍTULO 18 ..... 180**

**TECNOLOGIA ASSISTIVA DE BAIXO CUSTO COMO COLABORAÇÃO NA ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM BAIXA VISÃO**

Maria de Lourdes Leite Paiva  
Francisca Janaína Dantas Galvão Ozório  
Raquel Araújo Pompeu  
Robéria Vieira Barreto Gomes  
Maria José Barbosa

**DOI 10.22533/at.ed.62019280518**

**CAPÍTULO 19 ..... 191**

**A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA NO DESVELAR DA CRIANÇA COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA PROMOÇÃO E FAVORECIMENTO DE PRÁTICAS SOCIAIS E AMBIENTAIS**

Dilma Costa Nogueira Dias  
Mônica de Nazaré Carvalho  
Daniel Sulyvan Santana Dias  
Anderson Costa Nogueira

**DOI 10.22533/at.ed.62019280519**

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>198</b>
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM DESAFIO PARA FAMÍLIA, ESCOLA E EDUCADORES	
Miriam Paulo da Silva Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280520</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>209</b>
FAMÍLIA E ESCOLA: DESAFIOS À PARTICIPAÇÃO, INCLUSÃO E ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM	
Osicleide de Lima Bezerra	
Geraldo Alexandre de Oliveira Gomes	
Ana Paula Taigy do Amaral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280521</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>221</b>
O PROCESSO DE INCLUSÃO DO ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NUMA PERSPECTIVA AFETIVA	
Marciel Carlos de Sousa	
Francisco Roberto Diniz Araújo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280522</b>	
<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>232</b>
O PROCESSO DE INTERVENÇÃO NO ÂMBITO DO AEE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM FOCO NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA	
Acreciana de Sousa Melo	
Fernanda Maria da Silva Cardeal	
Francisca Nailene Soares Vieira	
Martha Milene Fontenelle Carvalho	
Rosani de Lima Domiciano	
Sâmia Maria Lima dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.62019280523</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>241</b>
PERFIL EDUCACIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES ADICTOS ASSISTIDOS PELA SAÚDE MENTAL NA PARAÍBA, BRASIL	
Angélica Vanessa de Andrade Araújo Lira	
Évelyn Morgana de Mélo Alves	
Rayssa Pereira de Souza	
Clésia Oliveira Pachú	
<b>DOI 10.22533/at.ed.620192805224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>251</b>
REDE DE APOIO A INCLUSÃO ESCOLAR: O QUE DIZEM AS MÃES DE DUAS CRIANÇAS AUTISTAS	
Camila Pimentel Machado Gonçalves	
Suelene Regina Donola Mendonça	
<b>DOI 10.22533/at.ed.620192805225</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS</b> .....	<b>266</b>

## O SILÊNCIO: SUTIL LEGITIMIDADE DA VIOLÊNCIA SOBRE A EXISTÊNCIA LÉSBICA

**Mariluce Vieira Chaves**

Doutoranda em Política Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói - Rio de Janeiro

**RESUMO:** Relatam-se os processos de rejeição e apagamento da existência lésbica derivada de sutis formas de violências situadas na permanência do silêncio que se impõe como pré-condição de aceitação no seio familiar e comportamentos pautados no interior de normas sexuais binárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** lésbica, violência, exclusão, desencorajamento.

### THE SILENCE: SUTIL LEGITIMITY OF VIOLENCE ABOUT LESBIAN EXISTENCE

**ABSTRACT:** The processes of rejection and expression of the lesbian are derived from forms of violence located in the permanence of silence that are imposed as a condition of non-familiar acceptance and behaviors based on bilingual norms.

**KEYWORDS:** lesbian, violence, exclusion, discouragement.

### 1 | INTRODUÇÃO

A lesbianidade está inscrita nas reações

contrárias à normatividade, principalmente no tocante a heteronormatividade, cuja negação da sexualidade entre mulheres ancora o desencorajamento dessas relações. Ao explicitar a violência demonstrada pela pesquisa documental nos jornais Folha de São Paulo e Jornal do Brasil entre os anos de 1980 até 2000 busca-se desvelar a unanimidade em condenar como “má” a lésbica. A violência nem sempre sutil pode ser tida como um ato corretivo, como parte do processo de tornar invisíveis as formas de identidades lésbicas.

Suspeita-se que a via da “heterossexualidade compulsória”, é a via por meio da qual a experiência lésbica é percebida através de uma escala que parte do desviante ao odioso ou é simplesmente apresentada como invisível (RICH, 2010). As relações de poder e a construção das chamadas sexualidades, pressupõe-se sejam controladas a partir da naturalização de ideologias e legislações, ou seja, constructos históricos e sociais favorecidos pelas mídias, que estabelecem limites que instituem controles e oposições às vivências lésbicas, retirando, aprioristicamente, com certa violência sutil todo o histórico lésbico; essa violência condena essas mulheres ao silêncio, e as torna alvo de críticas e reprovação familiar e social, inferiorizando-as como se nunca antes

de cada uma delas, houvesse existido tal sexualidade.

Esse artigo resulta de análises documentais das publicações de dois jornais de grande circulação, *Jornal do Brasil* e *Folha de São Paulo*, ainda que difusas, entre o período de 1980 até 2000. A preocupação metodológica diz respeito às singularidades, aos eufemismos e às características que envolvem as lésbicas em diversas publicações destes jornais. No primeiro momento se pesquisou o termo “lésbica” nos dois jornais no período já mencionado. Após este breve levantamento as notícias foram separadas em categorias para facilitar a análise qualitativa das reportagens.

Tal pesquisa contribuiu de forma decisiva na evidência da violência dos atos discriminatórios, diminutivos, desqualificativos, através dos menosprezos e inferiorização das lésbicas. Foram encontrados alguns limitadores, tais como não haver mais informações sobre as situações citadas pelos jornais; como reagiram as pessoas que leram tais notícias e o que essas notícias causaram de positivo ou negativo em relação às reações sociais.

## 2 | EXISTÊNCIA LÉSBICA

Entendemos por silêncio, a rejeição e a negação da subjetividade lésbica, praticadas pela sociedade heteronormativa. A história lésbica traz um lugar praticamente apagado, tornando necessária a ênfase sobre a escolha do objeto de que trata o tema. Esse campo desenvolvido, apesar de novo, constitui grupos críticos que vão realizar um diálogo com os chamados poderes públicos, o que, para Costa (2000),

reativa o temor de que a história das mulheres, por suas fragilidades, não chegue a ser um elemento importante [...], nem mesmo uma pedrinha no sapato [...]. Duas dessas fragilidades são: a dialética sempre utilizada da dominação e da opressão que não sai senão do enunciado tautológico, uma vez que não se tenta analisar por quais mediações específicas, no tempo e no espaço, esta dominação se exerce; e uma inflação de estudos sobre os discursos normativos que mal levam em conta as práticas sociais e os modos de resistência a estes discursos, e que induz, algumas vezes, a uma espécie de autofascinação pela infelicidade [...] (Costa, 2000).

As diferenças entre atitudes e códigos contidos no binarismo sexual, revela que cada sexo, denominados feminino e masculino, ligados à lógica binária sexual – tem seu pertencimento na sociedade. Rever essa pertença, torna como ilegítimas as formas de expressão subjetivas das lésbicas, porquanto o código do chamado “lugar feminino” não mais lhes pertenceria; a lésbica, assim, subverte a lógica do poder masculino, porém tem seu papel social silenciado, não visibilizado, porque escondido nos domínios privados, cujo patriarcalismo, sentencia e marca com violência e rigor essa quebra de padrão engessado socialmente. Essa quebra de padrão poderá nos levar a uma nomenclatura além da que Adriane Rich (2010) chamou de “existência lésbica”: cultura lésbica, cercada de pertenças culturais fora da “norma”.

Para Rich (2010), qualquer teoria que trate a existência lésbica como um

fenômeno marginal ou “menos natural”, como mera “preferência sexual”[...] é frágil, independente de qualquer contribuição que ainda tenha.

[...] Assim, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura ou no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual são algumas das formas óbvias de compulsão [...] expressando o controle da consciência feminina.[...] um dos muitos meios de reforço da heterossexualidade feminina [...] é deixar invisível a possibilidade lésbica, [...] sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade ou esteio social. [...] Um contingente engolfado que emerge à nossa vista de modo fragmentado, de tempos em tempos, para, depois, voltar a ser submerso novamente (RICH, 2010).

Portanto, o termo “existência lésbica” pode ser configurado como a trama de relações tidas como “primárias” entre mulheres, que nunca as abandonaram totalmente, sem identificação com a masculinidade como única fonte de prazer e felicidade, continuando com a “dissolução de um grande silêncio”. Logo, “existência lésbica” para Rich (2010), sugere tanto o fato da presença histórica de lésbicas quanto da nossa criação contínua do significado dessa mesma existência.

O entendimento dessa cultura em um sistema cujas relações são desiguais, desmascara os conflitos e mostra suas particularidades e suas relações de sobrevivência na sociedade; além disso, novos valores são acrescentados no âmbito da existência lésbica, vistos à priori, como simbolicamente situados fora da heteronormatividade, tais como: reinvenção de novas relações que fogem ao controle sexual; a ajuda mútua entre as que formam casais dentro e fora da casa, sem divisão de tarefas masculinas/femininas; a complementação salarial para o sustento da família, sem que a mais “viril” se encarregue completamente dos gastos. A principal reflexão que persiste não limita-se na diferença binária entre os sexos, contudo se insere no campo cultural, incluindo reflexões no contexto das experiências, das relações sexuais, olhando para o sujeito como múltiplo, em vez de único, contraditório, em vez de dividido (LAURETIS, 1994).

Apesar desses aspectos, observações recentes, sugerem que ainda persistem traços do binarismo sexual em vários casais lésbicos, que apesar de viverem suas diferenças, tem como padrão imposto os papéis claramente definidos como masculinos e femininos. Portanto, pode-se dizer que mesmo vivendo experiências e relacionamentos que as colocam “fora” do eixo normativo sexual, as lésbicas, em algum aspecto, repetem essa mesma opressão que sobre elas caem. Ao dar continuidade a este debate ressalta-se também o fato da homossexualidade, historicamente, ser uma manifestação sexual da vida privada e individual; outra, bem diferente, é o fato de essa mesma homossexualidade ser circunscrita à vida privada, silenciada, invisibilizada, desqualificada, como uma situação do indivíduo que deva ser reprimida pela sociedade compulsoriamente (CARRARA, 2005).

Apesar das intervenções femininas que são estabelecidas a partir do século XIX especificamente sobre as mulheres, essas mesmas conseguem se articular para romper os consentimentos sobre seus corpos com indiferença e resignação (Costa, 2000). Mas dentro desse recorte, as próprias mulheres tecem seus retalhos de vida,

transbordam pelas bordas de seus corpos em sentimentos, articulando o interior do poder patriarcal dentro e fora de casa.

Esse jogo político, de resistência, ensina então às lésbicas, novos modelos cujo silêncio tem na resistência um jogo de respostas que fogem da intervenção familiar, ficando, portanto, à margem; não é explícito, mas ao mesmo tempo, se consolida e se torna apenas não falado, somente vivido, cujo uso da liberdade que elas têm sobre seu corpo insubordinado, se emancipa e se autonomiza, até o momento de quebrar os elos, os vínculos, com atitudes conhecidas como ruptura.

Daí se pode dizer que essa história lésbica, contada ou não, silenciada ou negligenciada, suportável ou insuportável, com severos castigos e dúvidas sobre dignidades, suscita a consolidação e os modos de como as lésbicas estão inscritas na sociedade patriarcal. Pode-se pressupor que atos de liberdade aconteçam, mesmo com a presença da opressão.

### 3 | CONSTRUÇÃO LÉSBICA E SUA HISTÓRIA

O levantamento histórico da lesbianidade e sua construção, ocorre de forma quase análoga ao movimento feminista, dos anos 1960 no Brasil. A necessidade de defender interesses comuns e de lutar contra a discriminação e os preconceitos levou o movimento feminista, desde o início, a acolher o movimento lésbico.

Os avanços e recrudescimentos a partir dos anos 1980, mostram, ao mesmo tempo em que celebramos os encontros e as visibilidades atuais com todas as diferenças exibidas socialmente na história lésbica, que existem tensões e conflitos no campo social; com os fluxos e os refluxos das emoções cambiantes entre os maniqueísmos culturais e as novidades trazidas pelos que divergem das normas.

O destino traçado pela sociedade heteronormativa se distancia do encontrado por algumas mulheres, principalmente quando envolvem desejo e afeto, apesar de algumas mulheres não contradizerem a expectativa do comportamento “feminino” mesmo com o vínculo afetivo e sexual com outra mulher. Para Foucault (1988), o que hoje é conhecido como controle social/sexual, teve seus primórdios no século XVII, quando o termo população passou a ser problematizado.

[...] Os Governos percebem que não têm que lidar simplesmente com sujeitos, nem mesmo com um “povo”, porém, com uma “população”.com seus fenômenos específicos e suas variáveis próprias: natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e habitat. Todas essas variáveis situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos particulares das instituições.[...] No cerne deste problema econômico e político da população, o sexo [...] É a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo[...] (FOUCAULT, 1988).

Conjectura-se que em qualquer sociedade a transgressão dos desejos sexuais devam ser punidos se a canalização dos impulsos sexuais não acompanhavam a consagração do vínculo matrimonial de cunho heteronormativo, licenciada por governos, agentes da área de saúde e educação e as chamadas religiões judaico-cristãs. Assim, pode-se dizer que às mulheres, só cabia o selo da inserção nas heteronormas, como reduto de felicidade, transformando em inábil a capacidade de cada uma delas se recriar sexualmente.

Nessas especificações, retoma-se Butler (2015):

Num certo sentido, precisamos nos desfazer para que sejamos nós mesmas: precisamos ser parte de um extenso tecido social para criar quem nós somos. Este é, sem dúvida, o paradoxo da autonomia, um paradoxo que é intensificado quando as regulações do gênero funcionam para paralisar a capacidade de ação do gênero em vários níveis. Até que essas condições sociais tenham mudado radicalmente, a liberdade requererá não-liberdade, e a autonomia estará enredada em sujeição (BUTLER, 2015).

Verifica-se então, que a chamada “livre escolha” sexual não deveriam acontecer fora de um dado contexto; assim, obscurecimento da lesbianidade pode ser apresentada pela pesquisa que seguirá neste artigo.

#### **4 | OBSCURECIMENTO LÉSBICO NA MÍDIA IMPRESSA BRASILEIRA**

Importante ressaltar que o caráter metodológico aqui trazido resulta de análises documentais de dois jornais periódicos de grande circulação publicadas no período entre 1980-2000. A importância desse período a partir 1980, reflete-se no conjunto de aparatos sociais, políticos e econômicos, tais como: a saída da ditadura militar, a luta contra a opressão, a e os debates acerca da liberdade dos sujeitos sociais em suas mais diversas manifestações, em meio à efervescência dos movimentos sociais, principalmente no caso, a luta do movimento feminista na tentativa de igualdade de gênero e o surgimento de diversas atividades sociais ligadas à homossexualidade no país (SCHULTZ, 2011).

Tangencialmente, foi necessário visto pela coleta de dados, tecer um processo de discussão que se encaminha para alguns dados teóricos, ainda que breves, de relevância para sua fundamentação.

Através do arquivo da Biblioteca Nacional, foi escolhido o Jornal do Brasil, digitalizado em todas as suas edições entre 1980 a 2002. O Jornal do Brasil foi escolhido por não ser, na época dos anos 1980, conservador ou como dizia o jargão da época, “de direita”. Politicamente, esse período foi o de maior efervescência para vários movimentos sociais, inclusive o movimento ainda chamado homossexual e suas visibilidades difusas, haja visto o preconceito contido nos noticiários do jornal do Brasil.

Paralelamente, foi consultado o acervo online da Folha de São Paulo; este jornal nasce da fusão de alguns jornais em 1960, tais como a “Folha da Manhã”, “Folha da Noite” e a “Folha da Tarde”. Em 1984 a Folha de São Paulo publica um novo Projeto Editorial, que defende um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno.

Ao acessar os arquivos digitais dos jornais selecionados colocou-se na busca o termo “lésbica”, sendo selecionadas todas as reportagens que contemplassem o termo no período já mencionado. Após tal levantamento os dados foram tabulados e serão apresentados a seguir.

Ano	Edições disponíveis na Biblioteca Nacional	Citações do termo “Lésbica” em edições	Percentual de Publicações com o termo “Lésbica”
1980 – 1984	1.729	27	1%
1985 – 1989	1.766	44	2%
1990 – 1994	1.813	57	3%
1995 – 2000	1.875	94	5%

Tabela 1 – Resumo das edições do Jornal do Brasil

Fonte: VIEIRA, 2016 (Baseado no arquivo do Jornal do Brasil)

Nesta tabela 1 verifica-se que o percentual em torno da palavra “lésbica” foi utilizado poucas vezes entre os anos 1980-2000. Foi possível estabelecer alguns critérios de separação por períodos/anos. Primeiro, 1980-1984, período em que começa a distensão da ditadura militar, portanto, momento de fortalecimento dos movimentos sociais, discussões políticas e de direitos da população como um todo. Contudo, a palavra “lésbica” é indicada em apenas 1% dessas publicações e isso somente por conta da indicação de um filme de Woody Allen, Manhattan, com uma personagem sugestivamente lésbica. Entre 1985-1989, há uma explosão de movimentos sociais, inclusive com várias greves, demonstrando insatisfações populares; novamente há que se indicar que a palavra “lésbica” ainda carecia de visibilidade, pois só apareceu em 2% de todas as publicações do jornal, com conteúdo homofóbico, relacionando as lésbicas como agentes perpetradoras de crimes sexuais, orgias, assassinatos e outras reportagens negativas. Nos anos que se sucedem a partir de 1990 aparecem discretamente reportagens relacionando as lésbicas a doenças sexualmente transmissíveis para os homens, como sífilis e aids. Isso se deve ao momento de silenciamento em torno da homossexualidade, principalmente a masculina e a sua relação com a aids, o que indicava que ser homossexual não era “bom”.

Ano	Edições disponíveis no Acervo da Folha de São Paulo	Citações do termo “Lésbica” em edições	Percentual de Publicações com o termo “Lésbica”
1980 – 1984	1.825	11	1%
1985 – 1989	1.833	67	4%
1990 – 1994	1.817	119	5%
1995 – 2000	2.191	703	32%

Tabela 2 – Resumo das edições da Folha de São Paulo

Fonte: VIEIRA, 2016 (Baseado no acervo online da Folha de São Paulo)

A tabela 2 demonstra que o percentual em torno do tema “lésbica” também foi utilizado poucas vezes entre os anos 1980-2000, entre os anos 1980 e 1983 o termo não apareceu nenhuma vez. No ano de 1984, 90% das edições se referem ao filme Manhattan com a personagem sugestiva lésbica, mesmo filme das edições do Jornal do Brasil, contudo ocorre uma única edição no ano de 1984 sobre a Deputada Ruth Escobar que se ofendeu por ser chamada de lésbica, contestando tal veracidade do fato, devido ela possuir ex-marido, ex-namorado e filhos. Entre 1985-1989, algumas manchetes dedicavam-se a falar sobre uma mulher que provocou escândalo ao querer se vestir como homem e ser chamada de Ricardo; a divulgação de evento do Centro de Estudo de Sexualidade de São Paulo sobre homossexualidade feminina; o risco de prostitutas e lésbicas abordarem pessoas num determinado local da cidade. As edições do período possuem 60% destinadas a divulgação de filmes e livros com alguma personagem lésbica, os 40% restantes abordavam notícias como as que foram relatadas.

Dos anos 1990 até 1994, 80% das edições dos jornais mantiveram suas reportagens sobre filmes, livros e eventos internacionais com a temática lésbica, mesmo que fosse apenas um único personagem no filme ou livro isto era divulgado, cujo teor não se podia afirmar para promoção ou desqualificação. Nos 20% restantes das demais edições poderiam ser lidas reportagens como: denúncia de filme pornográfico encontrado na Grã-Bretanha com cenas lésbicas; medo da AIDS retraiu o movimento lésbico; anúncios de prostituição lésbica nos classificados; ainda nos classificados anúncio de procura por parceiro para casamento de aparências entre gay e lésbica, anúncios esses preponderantemente feitos por gays; pesquisas científicas americanas sobre homossexuais, por exemplo, afirmando que gays e lésbicas possuem menos neurônios que heterossexuais, ou ainda, que a lesbianidade é hereditária; psicólogos que afirmavam auxiliar no abandono de práticas lésbicas; homossexuais ofenderam a Igreja Católica por suas práticas sexuais.

De 1995 até o ano 2000 houve um expressivo salto sobre o termo lésbico ser mencionado nas edições do jornal, o que o difere do Jornal do Brasil que manteve aproximadamente os mesmos percentuais. Contudo, se analisarmos os

dados profundamente perceberemos que o aumento não foi significativo quanto ao espaço destinado às reportagens com o termo lésbica. De um total de 56% das edições publicadas, 397 edições continham um mesmo anúncio de duas lésbicas que divulgavam contato de prostituição no caderno de classificados. Ocorreu um aumento entre os anos de 1995 até 1999, anúncios de gays e lésbicas no caderno classificados procurando parceiro para namoro e casamento para manutenção da “convenção social”, assim explicitado. 22% das edições de 1995 até o ano 2000 eram direcionadas à divulgação de filmes com alguma personagem lésbica. Restaram 20% das edições com manchetes com o seguinte teor: debate sobre homossexualidade, artigos sobre pais de homossexuais, eventos do movimento lésbico em São Paulo, algumas especulações de personalidades famosas consideradas lésbicas, identidade lésbica, direitos e comportamento, além de manifestações religiosas contrárias à homossexualidade.

<b>Categoria</b>	<b>1980-1984</b>	<b>1985-1989</b>	<b>1990-1994</b>	<b>1995-1999</b>	<b>2000</b>
Homofobia	-	5	7	13	4
Visibilidade	-	6	6	7	2
Ativismo	1	2	1	6	1
Comportamento	-	1	1	2	-
Direitos Violados	1	3	2	2	1
Eventos	-	1	-	7	-
Filmes, livros e teatro	6	18	19	21	7
Crimes	1	6	2	-	1
Conquista de Direitos	-	-	2	5	1

Tabela 3 – Categorias encontradas no Jornal do Brasil  
 Fonte: VIEIRA, 2016 (Baseado no arquivo do Jornal do Brasil)

Esmiuçando mais, por temática de notícias relacionadas às lésbicas no Jornal do Brasil, encontramos na Tabela 3, a não existência da notícia sobre homofobia nos anos 1980-1984 por conta da repressão militar, sem ser possível afirmar a sua não existência; já nos anos subsequentes, há um aumento de período a período nas notícias com traços homofóbicos; nos quesitos visibilidade, ativismo e eventos, não há muitas notícias, apenas algumas notas; nota-se que a partir da abertura democrática a inserção de livros e filmes com temáticas lésbicas crescem, porém esses conteúdos são lançamentos internacionais. A conquista de direitos só começa a ser noticiada a partir dos anos 1990, porém noticiando conquistas de direitos em países europeus e na América do Norte.

<b>Categoria</b>	<b>1980-1984</b>	<b>1985-1989</b>	<b>1990-1994</b>	<b>1995-1999</b>	<b>2000</b>
Homofobia	1	2	9	8	-
Visibilidade	-	1	3	2	3
Ativismo	-	1	1	5	-
Comportamento	-	-	1	3	-
Direitos Violados	-	-	3	4	1
Eventos	-	1	3	2	-
Filmes, livro e teatro	10	58	94	101	24
Crimes	-	2	2	2	-
Conquista de Direitos	-	-	2	5	-

Tabela 4 – Categorias encontradas no Jornal Folha de São Paulo

Fonte: VIEIRA, 2016 (Baseado no acervo da Folha de São Paulo)

A partir de 1990 houve um crescimento nas edições com o termo lésbica, contudo o crescimento também evidenciou a homofobia nos discursos da sociedade. O aumento nas produções cinematográficas e outras formas artísticas denotam o consumo por produtos que façam referência à identidade lésbica, cujos meios de comunicação de massa abriram espaços para tal segmento. Os programas de televisão abordam a temática, bem como uma parte do caderno foi destinado especificamente no jornal, para o público homossexual, o que pode ser considerado um avanço; esta parte no caderno dedicado aos homossexuais deixou de ser publicada nos dias atuais. Assim, acreditamos que a lesbianidade ganha uma materialidade nos jornais, no que foi denominado aqui como cultura lésbica. A visibilidade é crucial para o fim da homofobia, contudo, não podemos afirmar que a visibilidade é proporcional à queda da homofobia nestas edições.

<b>Período</b>	<b>Conteúdo</b>
1980 – 1984	Ausência de publicações com o termo “Lésbica” até 1984.
1985 – 1989	Incidência de reportagens de cunho homofóbico, desqualificando a pessoa por ser lésbica.
1990 – 1994	Uma grande repercussão de filmes, livros e peças de teatro com ao menos uma personagem lésbica, em sua maioria de produção internacional.
1995 – 2000	Cresce o interesse pelo comportamento lésbico, a “saída do armário”, o relacionamento familiar após se declarar lésbica, conquistas de direitos em diversos países e o ativismo.

Tabela 5 – Temas recorrentes nos dois jornais analisados

Fonte: VIEIRA, 2016 (Baseado no acervo da Folha de São Paulo e do Jornal do Brasil)

Através da análise desses acervos, aponta-se para uma diversidade percebida na mídia escrita, da sociedade brasileira, embora isso não faça parte da visibilização da identidade lésbica; desse modo, a construção da imagem da lésbica sofre maiores desafios no enfrentamento da heteronormatividade com as incoerências nas publicações sobre a homossexualidade. Pressupõe-se portanto, que as publicações são um reflexo da sociedade brasileira.

A existência lésbica, atrelada à construção de sua imagem da “escravidão da mulher”, pressupõe em Rich (apud Barry, 2010) que a maneira de deixar de se esconder, de romper barreiras paralisadas é tomar o saber de si, sua história, principalmente a história da ampla extensão da dominação sobre as lésbicas, pois quando o saber se defronta diretamente com a opressão, os caminhos são mapeados, auxiliando em novas construções para romper com o preconceito e o destino da “morte” (histórica, física, moral, social) para entender a existência lésbica ao longo do tempo e do espaço, nomeando e definindo sua existência.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitando os jornais deduz-se que a lésbica era a peça que nunca faltou no tabuleiro dos jogos da sociedade. O obscurecimento tinha que estar interiorizado, culpabilizado, e de certa forma, invisibilizado na sua vida social; quando ocorria alguma notícia, essa era tratada de maneira homofóbica em todas as situações nas quais se reportavam a lesbianidade.

Portanto, o reconhecimento da própria sociedade dos anos 1980/1990 tinha o discurso de aceitação, desde que a lésbica mantivesse sua existência e suas “preferências” omitidas, ou até fingisse atitudes “normais”, coerentes com o discurso heterossexista.

As formas construídas de lesbianidade em um passado não muito distante, eram encontradas nas publicações que favoreciam o encontro com outras e internalizavam suas identidades com gestos, palavras, vestuários, filmes e no movimento lésbico encontrados atualmente.

O caráter histórico da lesbianidade está inserida nas noções mais amplas de gênero e mais precisamente, nas relações de poder. Apesar do espaço aberto através da mídia ser significativo (escrita e digital), aumentou a discussão acerca do tema, mas não em qualidade; seu caráter é, muitas vezes, desqualificador, aludindo o conceito da “não sensualidade” do corpo feminino, sempre disposto à normatização do conceito binarista macho/fêmea social. Logo, só há espaço se for de interesse da lésbica, a manutenção da sutileza, esboçada num corpo sensual. Esse espaço notoriamente “aberto” é ainda desconhecido por muitas lésbicas, que vivem suas atitudes, masculinizadas ou não, mesmo diante de situações extremas como da pauperização, do abandono pelos parentes mais próximos – o que as leva, possivelmente, ao

caminho da prostituição -, ou até mesmo diante de pessoas próximas notadamente homofóbicas, pressupondo que não abrem mão da sua sexualidade.

Mesmo tendo passado algum tempo das notícias colocadas nos jornais entre os anos 1980-2000, a interpretação pejorativa e ligada ao maniqueísmo social dividido entre bom e mal, quando se pensa uma mulher lésbica, pressupõe-se não uma construção social, mas uma ligação com o caráter dessas mulheres. Deve-se então ultrapassar o silêncio, a sutil legitimidade da violência sobre lésbicas nos discursos moralizantes para uma resistência criativa, inventando novas formas de ser, enfrentando e ultrapassando limitações impostas por uma identidade fixada pela submissão à família nuclear institucionalizada como “eixo” normatizador de felicidade, principalmente para as mulheres, e à recusa à reclusão sexual imposta pela igreja cristã.

Para finalizar a identidade lésbica favorecida pelo suporte das publicações se tornou fortalecida durante os anos 1980 - 2000, com as publicações que norteavam os eventos e o ativismo, o que tornava os grupos mais resistentes às homofobias presentes em todos os cotidianos que se vivenciava; infere-se que encontros e eventos devam ser expandidos, principalmente pelas redes sociais como novas formas de viver a vida reconhecendo a multiplicidade de prazeres e desejos incontidos nos corpos lésbicos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. Hemeroteca Digital Brasileira. **Jornal do Brasil**. Disponível em [www.memoria.bn.br](http://www.memoria.bn.br). Acesso em março/abril 2016.

BRASIL. Jornal Folha de São Paulo. **Acervo da Folha**. Disponível em [www.acervodafolha.com.br](http://www.acervodafolha.com.br). Acesso em março/abril 2016.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo. Crítica da violência ética**. BH, Autêntica ed. 2015.

CARRARA, Sérgio; Uziel, Ana. Introdução - **Novas Legalidades e democratização da vida social**. In: ÁVILA, Maria Betânia et al (Org.) **Novas Legalidades e democratização da vida social: família, sexualidade e aborto**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, Sueli Gomes (trad.). **A história das mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio e historiografia**. Rachel Soihet, Rosana M. A. Soares. In: Revista Gênero: Núcleo Transdisciplinar de estudos de Gênero. Nuteg. V. 2, n. 1, 2 sem. 2000, Niterói, EDUFF, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. I- A vontade de Saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque, 19ª Ed., Rio de Janeiro: Graal, 1988.

LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RICH, Adriane. **A heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Trad. Carlos Guilherme do Vale. Revista Bagoas, Natal, n. 5, v. 1, 2010.

SCHULTZ, Leonardo. **O lampion da esquina: discussões de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970**. In: 8º Encontro Nacional de História da Mídia. Unicentro, Guarapuava, Paraná, abril, 2011.

## **SOBRE AS ORGANIZADORAS**

**Glaucia Wesselovicz** - Bacharel em Administração (UNIÃO), Especialista em Logística Empresarial (SANTANA) e Especialista em Gestão de Projetos (POSITIVO), Conselheira do COMAD – Conselho Municipal de Políticas Públicas sobre Drogas, Representante do PROPCD – Programa de Inclusão da Pessoas com Deficiência, Representante no Grupo de Gestores do Meio Ambiente dos Campos Gerais, Articuladora de Projetos Estratégicos do SESI para o Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial, Junior Achievement, ODS – Objetivo de Desenvolvimento Sustentável atuando a 6 anos com ações de desenvolvimento local.

**Janaina Cazini** - Bacharel em Administração (UEPG), Especialista em Planejamento Estratégico (IBPEX), Especialista em Educação Profissional e Tecnológica (CETIQT), Practitioner em Programação Neurolinguista (PENSARE) e Mestre em Engenharia da Produção (UTFPR) com estudo na Área de Qualidade de Vida no trabalho. Coordenadora do IEL – Instituto Evaldo Lodi dos Campos Gerais com Mais de 1000h em treinamentos in company nas Áreas de Liderança, Qualidade, Comunicação Assertiva e Diversidade, 5 anos de coordenação do PSAI – Programa Senai de Ações Inclusivas dos Campos Gerais, Consultora em Educação Executiva Sistema FIEP, Conselheira do CPCE – Conselho Paranaense de Cidadania Empresarial. Co-autora do Livro Boas Práticas de Inclusão – PSAI. Organizadora da Revista Educação e Inclusão da Editora Atena.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-362-0

